

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium tri-
umphii Ecclesiae... in Christo Jesu.

ID 13. 14.

GUIMARÃES 15 DE JUNHO DE 1886

Conclusão do Mez de Maria em Guimarães

TERMINARAM OS exercicios de devoção, que todo o mez se fizeram em honra da Virgem Santissima, como começaram—entre canticos festivos, em meio da solemmissima manifestação de amor e filial affecto para com a Rainha dos céos e da terra.

No dia 31 de maio em S. Domingos e no dia 1 em S. Francisco, lá estava no seu throno de luzes e flores a formosissima Imagem do Coração de Maria, e em ambos os templos houvera missa solemne e festividade todo o dia com o SS. Sacramento exposto, havendo sermão em ambas, de tarde, sendo orador na primeira o nosso amigo Manuel Lopes Martins, intelligencia privilegiada, e que em breve vae ser elevado á dignidade de presbytero, e no segundo o tambem nosso amigo padre José Fernandes Guimarães. Já isto era bastante para fechar solememente tão piedosos exercicios, se só exterioridades bastassem para agradar á Mãe de Deus e nossa Mãe. Mas não, não basta ornamentar o templo, elevar em mar de flores a Imagem da Santissima Virgem, e constellar esse mar de centenaes de lumes.

Não, não basta fazer reboar pelas abobadas do templo os acordes do órgão e de varios instrumentos, de envolta com a voz dos cantores, e da palavra eloquente de prégadores afamados.

É necessario mais, e esse mais fez-se na capella da veneravel Ordem Terceira de S. Francisco, graças ás venerandas Irmãs Hospitaleiras da casa, á Meza da Ordem, e ao seu digno Commissario.

Devem lembrar-se os nossos leitores de lhe havermos dito ha menos de um anno que a Ordem Terceira havia estabelecido escolas para os filhos dos irmãos. Pois d'essas creancinhas, que ha menos de um anno não sabiam soletrar o A B C, já saíram 40 aptas para receberem o Pão dos Anjos, e tão aptas, que no dia 1 de junho, lá as vimos aproximar-se do sagrado banquete, com os rostos sorridentes, com os labios tremulos de santa commusão, balluciando preces ao Altissimo. Foi assim que as boas Irmãs quizeram so-

lemnizar a conclusão do Mez de Maria—apresentando á Immaculada Virgem o fructo dos seus incansaveis cuidados, aproximando da fonte inexgotavel de graças as ternas florinhas que durante mezes trataram no jardim da caridade christã.

Bem hajam ellas, as verdadeiras filhas do pobre de Assis, e bem haja a Meza da Ordem, e o seu dignissimo ministro, prompto sempre para tudo quanto possa concorrer para honra, gloria e esplendor da Religião.

O dia 4 foi o escolhido pelas Filhas de Maria para a conclusão dos seus exercicios na igreja da Misericordia, onde a Virgem Maria foi mais honrada, mais glorificada, durante todo o mez, porque as Filhas de Maria tinham porque todas as suas festas sejam puramente espirituaes.

Precedera-se a festa de solemmissimo tríduo, com praticas pelo Rev.^{mo} padre Carlos Gouvea, e com numerosas communhões, terminando em todos os 3 dias a festividade perto da noite, com o benção do SS. Sacramento.

Na quinta feira pela manhã depois do exposto o SS. Sacramento cantou-se missa solemne a vozes e órgão, e n'essa occasião tivera lugar a *mais*, o que é necessario para dar realce a uma festa religiosa. A igreja, ampla, espaçosa, era cheia de fieis, a custo se poderia abrir caminho por meio d'essa multidão compacta ajoelhada aos pés da Virgem, e diante de Jesus Sacramentado; mas depois da communhão os celebrantes descem os degraus do altar mór e aquella multidão de gente abre caminho a meio do templo.

Quadro esplendido, grandioso, magnifico se observa então! Por entre aquellas duas alas formadas de milhares de pessoas de um a outro extremo do templo, caminhavam os sacerdotes e um gracioso grupo de *anginhos*, levando dois a toalha, outro o vaso da agua e outros taças de prata cheias de flores desfolhadas, que lançavam ás pessoas de communhão. E aquelle grupo formosissimo caminhou uma e muitas vezes de alto a baixo distribuindo o Pão dos fortes ora para a direita ora para a esquerda, e aquella fila de fieis sempre intacta, sempre curvada aos pés dos sacerdotes, durante quasi uma hora. Foi talvez a communhão mais imponente que

so tem feito em Guimarães, pois commungaram para mais de 500 pessoas!

Durante a communhão pregára o Rev.^{mo} Carlos Gouvea, e a espaços fazia-se ouvir o coro das Filhas de Maria, esse conjunto de vozes, ternas como uma supplica, puras como um coração de virgem, suaves como uma aragem. Todo o dia a igreja era cheia de fieis, todo o dia a Virgem de Lourdes tivera adoradores. E admiradores tambem, porque o throno onde Ella se elevava era um primor de luxo e bom gosto. Nunca um conjuncto tão gracioso de pratas e christaes, de lumes e flores, de sedas e ouro se apresentára á vista do espectador estatico! Nunca um throno se ergueu tão formosamente de sobre um chão de *bouquets*! — tantos eram os que tapetavam o chão, offerecidos pelas candidas damas guimaranenses Filhas de Maria! Ainda bem, que Vós fizeste, ó Santissima Mãe do meu Deus e de todos nós que vos adoramos, que as lindas flores de Maio tivessem uma applicação digna, como desagravo a tantas que se malbaratam.

A's sete horas da tarde encheu-se de novo a igreja de fieis para escutar outra vez o padre Carlos Gouvea, que foi eloquentissimo, como nunca. O Rev.^{mo} P.^o Jesuita fallou da Virgem como o sabe fazer o theologo profundo, o verdadeiro crente, o orador experimentado. Mil parabens. Apoz o sermão e do alto do pulpito foi lido o acto pelo qual se consagraram ao SS. Coração de Maria todos os fieis alli presentes, e todos repetiram as palavras do orador. Em seguida fôra cantada a Ladainha da Virgem, *Genitori*, etc., lindando tudo com a benção do SS. Sacramento e com um adeos á Virgem cantado tambem pelo coro das Filhas de Maria. Este canto, que nós diriamos angelico, se não conhecessemos quem o cantara, era a expressão do amor mais fervente que virgens christãs podem tributar á sua Mãe celeste, era o adeos saudoso das filhas que se despedem de sua mãe, era o canto das virgens de Sião, afinado pelas harpas dos anjos, eram as melodias dos martyres ao penetrar nos reinos da luz, eram o arronbo de almas candidas e puras, dedicadas todas ao serviço do Senhor!

Não se esqueça que as Filhas de Maria de Guimarães durante a festivi-

dado ostentaram sempre ao peito a medalha da Virgem Maria, pendente de uma fiada de seda azul.

Salve, Filhas de Maria vimaranenses! Salve dignissimas Secretarias e mais directoras que tanto fazeis por levantar o espirito religioso da nossa terra! Salve! Salve!

No dia 6 celebrou-se outra festividade na igreja das Capuchinhas tambem como conclusão do Mez de Maria, sendo orador o nosso amigo P.º Antonio Joaquim Teixeira, e hoje na capella do Asylo de N. Senhora da Consolação e Santos Passos, ha tambem solemmissima festividade, promovida pelas Irmãs Hospitaleiras d'aquella casa, em conclusão tambem do Mez de Maria. Falleremos d'ella depois.

Já veem nossos leitores que Guimarães se despicou com os cultos que prestou á Santissima Virgem. Que Ella lance olhos de piedade sobre todos nós, são os desejos do ultimo de seus filhos, mas que bem queria ser dos primeiros.

J. de Freitas.

SECÇÃO RELIGIOSA

EDUCAÇÃO

PEQUENO DISCURSO NO COLLEGIO DO ESPIRITO SANTO, EM BRAGA, NA FESTA DE PENTECOSTES EM 1885

Pelo Padre Martins Capella

Ir. e S.º

QUANDO tomei sobre mim prégaros n'esta sympathica solemnidade, tanto me fascinou desde logo a formosura do assumpto que nem lhe reparei na grandeza descommunal, nem m'entibiou o natural desanimo com que sempre venho fallar desde este logar.

Só mais tarde e demasiado tarde, ainda mal, é que dei na desproporção enorme entre o prégador e o assumpto. Este é d'aquelles que assombram pela vastidão ingente do todo e superior harmonia das partes; porisso está requerendo engenho claro e destemido.

Assim é que, se vos promettesse de o tractar em cheio, o mesmo valeria alevantando na mão um gole d'agua do mar, exclamar desvanecido: eis aqui o oceano!

Não, senhores, não tereis n'uma conchinha da praia o oceano, tereis apenas uma parcella e bem diminuta d'elle, e com isso nos ficaremos que o mais é impossivel.

De maneira que, já estou vendo, ha de esta minha brevissima allocução vir

a ser um discurso bem original: pois contra os preceitos mais elementares da oratoria não tractará, senão que até ha de fugir do assumpto: fugir dos abysmos mysteriosos da alta theologia e dos mares aparcellidos da historia para o remanso de meio pé d'agua d'umas philosophias de modesto alcance.

E como a propria casa e esta illustre e benemerita Congregação me está lembrando, iremos, torneando fundos pégos, á obra do Divino Espirito Santo na educação da mocidade.

Invoquemos a assistencia do mesmo Divino Espirito por intercessão de Maria, Sua Esposa Santissima e nossa doce Mãe:

Ave, Maria.

A doutrina catholica sobre a personalidade, divindade, processão e vida *ad intra* da Terceira Pessoa da Trindade Beatissima: as delinições conciliares, explanações patristicas e as tradições das igrejas particulares n'este ponto não é para mim tractar. Já sabeis porque: é a face theologica do assumpto, passemos além. As operações *ad extra*, essas compõem a meu ver a mais alevantada epopéa que ainda se cantou, porque é no rigor da palavra uma epopéa divina.

Recebem os apóstolos em dia de Pentecostes o Espirito Paraclito, e partem-se á conquista do mundo estes boças pescadores, e prégam aos dominadores da terra humildade e castidade, mortificação e caridade, e por tão estranho processo conseguem render o colosso do paganismo que era orgulho e lascivia, gozo sensual e egoismo.

E transmite-se e vem girando por 19 seculos sem interrupção na Igreja a celeste seiva, desde o supremo Hierarcha até ao mais obscuro e humilde camponez. Entretem o calor, a vida, a mocidade n'este organismo divino; arvore d'eterna primavera e perpetuo outomno, sempre toucada de flores e vergando de fructos.

Povoa de solitarios o deserto, de sabios as escolas, de virgens o clautro; d'apóstolos, de martyres, de confesores, de missionarios da Boa Nova, de santos o céu. E este sobrenatural tangivel que chamamos Igreja Catholica, sempre ferida de morte e sempre viva, calumniada sempre e sempre intemerata, sempre maltractada e prodiga de beneficios sempre?!

E' o que eu dirrei face historica do assumpto, poema que inda espera o seu poeta.

Outro lado ainda do assumpto seria o philosophico-mystico: o estudo das operações do Divino Espirito na alma fiel. Por quaes vias penetra Elle na espessa caligem da ignorancia, e dissipa o vagalume do erro e as brumas mortíferas do vicio. Que segredos, que des-

velos, que doces e ensinuantes chamamentos!

Adiante envia seus *dons* que hão-de predispor e amanhoar o terreno d'um vergel opulento, o da alma christã adornada dos *fructos* do Espirito Santo.

Campo vastissimo ainda para investigações convidativas, do qual um pequenissimo rincão apenas nos é dado tocar de passagem; tão apanhados são os limites do tempo e os recursos d'esta pobre palavra.

N'elles nos circumscrevamos pois.

Vós o sabeis melhor que eu, senhores:

A educação da mocidade é hoje o reducto, á volta do qual se fere mais rijo a batalha secular entre o Espirito do bem e o espirito do mal. A campo saem os dois mestres com programmas d'ensino não só diferentes, senão contrarios; pois contrarios sam aspirações, processos e fins.

Fins e aspirações de sobejo as conheceis: quer um perder, o outro salvar, um edifica na obra de Deus, o outro derroca; procura um pela ordem a manifestação e brilho maior da divina gloria, atíça o outro o fogo da revolta, alimenta paixões ruins, medita confusões, anhela pelo cahos, seu meio ordinario sua eterna sorte. D'ahi a divergencia de caminhos, a differença de processos, diria mesmo de methodos, se não dissera pouco n'esta palavra.

Ahi tendes:

Confiam-vos para educar uma creança. Este ser debil, innocente e gracioso é um homem possivel: n'elle jaz um mundo embrionario e paradoxal.

Não cria Deus paradoxos, é certo; tambem esse não saiu qual o vedes das mãos de Deus.

Em si traz um principio de desordem, uma semente de mal que la depositou o artifice do mal.

Vodes? é diaphano como copo crystalino de clara agua, e dormem n'elle tempestades!

Esta meiguice descuidosa, esta limpidez de olhares, esta candura de neve aninha no seio fogo latente, capaz de rebentar em medonhos vulcões; repositam ali de mistura os germens de um Xavier e d'um Escariote, d'um Nero e d'um Vicente de Paulo.

E' logo necessario tractar com summa cautella esta dynamite, com summa reverencia esta soberania da innocencia.

Que fazem pois logo aquelles a quem Deus inspira?

Acercam-se com ternura e respeito da creança, cobrem-na com a vistas maternas d'esta segunda maternidade que só a caridade ensina, e começa a tarefa.

(Continúa)



SECÇÃO SCIENTIFICA

Os principios catholicos perante a razão

(Continuado do n.º anterior)

X

Milagres de Jesus Christo

Reflexões sobre os attributos divinos.—*A leve suspensão de qualquer lei não transtorna a harmonia universal.*—*Reflexões sobre a hypothese de Espinosa.—Razão dos milagres de Jesus Christo.—Os escriptores judeus e pagãos explicaram os milagres como efeitos da magia ou da phantasia.**—Celsus, Josepho e Juliano confessam os milagres.*—*Os escriptores ecclesiasticos, os martyres e os bispos.*—*Reflexões.*—*Os incredulos explicam os milagres como effeito da physica, chimica, medicina e astronomia.*—*Reflexões.*

EXISTE no homem o profundo convencimento de que ha um Deus, auctor de toda a criação, e diz-nos a razão que este Sér não pôde conceber-se sem os seus attributos divinos.

Os attributos são aquellas perfeições com que o entendimento humano comprehende a Deus; pois ainda que a essencia divina perfeitamente simples exclue toda a composição e distincção, concebemos a idea dos attributos divinos por comparação com a nossa alma, e distinguimos das perfeições moraes que relacionam a Deus com a creatura intelligente, os attributos metaphysicos entre os quaes se manifesta o da sua omnipotencia. Poderá conceber-se a idéa d'um Deus sem este attributo? Poderá o Sér Supremo existir com poderes limitados? Deduz-se d'aqui que se existe Deus deve ser omnipotente, e que se é omnipotente pode fazer milagres; e o entendimento que tenha a fortuna de crer em Deus não poderá negar-lhe a faculdade de obrar prodigios.

Negar, pois, a possibilidade dos milagres é negar a omnipotencia divina, é negar a Deus, é enfim o atheismo.

Os incredulos empenham-se obstinadamente em negar os milagres do nosso divino Redemptor, fundando se em que a ordem e a harmonia universal soffriam o mais grave transtorno se podessem alterar-se as admiraveis leis physicas que obram e obedecem a principios de estabilidade precisa e absoluta.

Esta razão carece da força que apparenta, e o argumento cai por pouco que se reflexione; pois a passageira suspensão de algumas d'estas leis não pôde causar semelhante transtorno.

Não suspenderam o seu curso os planetas, nem o mar rompeu os limites que o contem, porque Jesus Christo dêsse vista ao cego, curasse os paralyticos e andasse sobre as aguas; nem pelo milagre feito nas bodas de Caná a vide perdeu a sua força productora, e pôde muito bem resuscitar um morto sem que fosse annullada a lei geral da destruição.

A semente germina no seio fecundo da terra pelo concurso de certos agentes naturaes opportunamente combinados; e sendo Deus quem concede a estes agentes a faculdade de produzir em as plantas com as suas flores e preciosos fructos, não poderá multiplicar o trigo sem necessidade da terra, do sol, do ar nem da agua?

Nada ha, pois, que repugne á razão n'aquella sublime scena de Jesus alimentando com cinco pães e uns peixes o numero e faminto povo que o rodeava: augmentava-se o pão tocado por suas mãos, sem que semelhante prodigio transtornasse a ordem das estações e fizesse perder á terra a faculdade de produzir as plantas.

Jesus, caminhando por sobre as aguas, suspendeu n'aquelle momento respectivamente á sua pessoa a immutavel lei de gravidade, sem que o systema planetario soffresse alteração alguma, e Deus, que permittiu a morte natural de Lazaro, não podia fazer com que aquella alma voltasse a unir-se com o seu corpo, abandonando as mansões da eternidade?

Dizem ainda os impios que a alteração passageira da ordem natural se opporia á vontade d'aquelle que dictou as suas leis e que o cumprimento d'ellas n'este caso não poderia ser-lhe perfeitamente conhecido.

E' bem pobre o raciocinio dos que assim discorrem, ignorando que a sua dificuldade apresenta desde logo a solução mais natural e conclusiva.

E' indubitavel que Deus creou o mundo physico, d'onde se segue que igualmente regulou a ordem natural, por que admittir leis naturaes sem Deus que as ordene, é o mesmo que suppor a existencia do effeito sem a causa productente, ou que para o governo dos homens que possam ter sido dadas leis sem legislador que as dictasse.

Não pode privar-se o Ente Supremo sem limitarmos a sua omnipotencia do poder que tem sobre esta ordem e harmonia, que admiramos e elle livremente estabeleceu, e por esta causa é indubitavel que pode derogar as leis naturaes, ou suspendel-as passageiramente; e do mesmo modo que conhece a lei desde a sua origem, conhece por necessidade as suas excepções.

Segue-se d'aqui que não ha contra-dicção alguma, ainda quando o Senhor,

para manifestar a sua gloria, ou para a salvação do homem, julgue necessario alterar a ordem que sabiamente á natureza impoz. Ao determinar Deus as leis naturaes, soube exactamente o tempo e as causas por que ellas seriam suspensas.

Nada ha pois nos milagres que contrarie a vontade do que dictou as leis naturaes, porque a sua vontade determinou igualmente as excepções; nada que repugne á razão do homem, que reconhece a existencia d'um Deus Todo Poderoso, Creador do mundo. Só o materialista nega a possibilidade dos milagres, porque nas invariaveis leis naturaes não quer reconhecer o seu divino auctor: concebem a lei sem necessidade de legislador algum que primariamente a dictasse: existe para elles o effeito sem a causa.

Espinosa suppoz erradamente que são infinitas as forças da natureza, principio que seus discipulos e admiradores desmentem, negando a possibilidade dos milagres; porque traçando-se uma linha que detenha as pretendidas forças infinitas, já existe qual-quer cousa que lhes limita o poder.

Os catholicos negam a hypothese absurda de Espinosa; crendo firmemente que as leis naturaes foram dictadas pelo Creador, em cuja omnipotencia ha poder sufficiente para suspendel-as: é este o fundamento da creença catholica sobre os milagres.

A criação do universo é o prodigio maior do Sér Supremo; por que disputar-lhe outros milagres que tem operado depois em beneficio dos homens? Admittindo a creença geral de um Deus, auctor do universo, é forçoso reconhecer-lhe esse poder que a impiedade lhe nega.

Jesus Christo confirmou a sua doutrina com milagres para cumprir as prophcias e dar-se a conhecer, vencendo a obstinada cegueira dos judeus.

Um povo numerooso presenciou grandes prodigios, cuja recordação conservaram muitos escriptores inimigos da nascente religião; e a verdade d'aquelles successos admiraveis não devera offerecer duvida aos que se vêem na impossibilidade de nos explicar dentro da ordem natural e segundo as regras da critica, os meios que empregaram uns homens sem estudos, sem riqueza nem significação politica para espalhar tão prodigiosamente a moral severa de seu divino Mestre.

Sem protecção humana e sem auctoridade alguma, pobres e perseguidos, os Apostolos combateram contra o paganismo, derrubando a falsa divindade dos seus altares, arrancaram ao Arcopago as suas glorias, á impura idolatria o seu proselytismo, e muitos judeus á desauthorizada Synagoga.

Confirmam esta verdade historica Dionysio Areopagita, Aristides, Quadrato (1), o philosopho Justino, Lino, Cleto, Clemente, um consul do mesmo nome, Ignacio, Polycarpo, Philippe, Estevão, Gamaliel, e muitos outros esclarecidos que omnittimos.

Tão illustres conversões, assim como a immediata fundação de egrejas em Jerusalem e Anthiochia, em Roma e em Alexandria, e o successivo e rapido incremento da religião christã por todo o mundo conhecido, não é um milagre do Omnipotente.

Os antigos escriptores judeus e pagãos não exararam nos seus escriptos tão repetida memoria dos milagres de Jesus, acreditando-os falsos, nem procurariam a necessaria explicação d'elles na magia. A synagoga classificou o de mago, e Orovio, Josepho e os compiladores do Thalmud acceitaram a opinião apaixonada e o absurdo juizo critico d'ella; e Celso e Porphirio não podendo negar aquelles successos tão extraordinarios, chamaram-lhes fanaticos, explicação que Juliano adoptou cegamente, não se atrevendo a duvidar dos acontecimentos referidos por auctores cujas opiniões, inimigas da nova religião, deviam ser para elle respeitaveis. Nem os mesmos herejes d'aquelle tempo negaram os prodigios obrados pelo nosso Redemptor, e prova esta crença a historia de Simão, que publicamente quiz elevar-se aos ares.

Este nescio impostor, o proprio Cesar e um povo numeroso que assistisse ao spectaculo, não julgavam impossivel a repetição d'um prodigio que Jesus Christo havia operado (2).

(Continúa)

D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo

SECÇÃO HISTORICA

D. João Gomes, Bispo do Porto

Estudo Historico

O EPISCOPADO de D. João Gomes na Egreja do Porto não se tornou notavel por grandes e gloriosos feitos em beneficio da religião; pelo menos não existem memorias que nos dêem a tal respeito um testemunho cabal e evidente.

Mas, por outro lado, é sabido que o seu governo foi de curta duração, pois que decorreu desde o anno de 1320 até o de 1327 em que morreu, tendo succedido a D. Fernando Rani-

res, que do Porto foi transferido para a diocese de Jaem na Hespanha.

E aqui advertiremos que erra o P.º Agostinho Rebello da Costa, dizendo na sua *Descripção Topographica e Historica do Porto* que D. João Gomes governou pouco mais de quatro annos: porquanto é certo que não foram menos de sete, contados desde 1320 em que começou a administrar a diocese, até o anno de 1327 em que todos os auctores dão o seu fallecimento.

Foi D. João o segundo do nome entre os Prelados da Egreja portuense, tendo sido o primeiro D. João Peculiaris, tambem chamado o *Orelheiro*, que no anno de 1140 cingiu a mitra primacial das Hespanhas, deixando a do Porto. Era o Bispo D. João Gomes ao tempo da sua promoção chantre na Sé da Guarda.

Não foi, porem, o episcopado d'esse illustre Prelado inteiramente destituído de gloria; e em todo o caso devemos dizer que o seu nome tem honrosa memoria na diocese do Porto.

Ha na historia d'este Bispo uma circumstancia que merece ser esclarecida á luz d'uma sã e rigorosa critica, porque tem sido mal interpretada por alguns escriptores, aliás respeitaveis.

Na camara ecclesiastica do Porto existe um livro em que se referem as cousas mais notaveis succedidas durante o governo de D. João Gomes.

N'esse livro lêem-se umas palavras em latim escriptas pelo Bispo D. Pedro Affonso, segundo successor de D. João, em resposta a el-rei D. Affonso IV.

Fallando ácerca do Prelado de que nos occupamos, diz elle o seguinte:

«*Erat bonus homo, et simplex, et sine aliqua malitia, et jura aliqua non audiverat, immo nec, et grammathicalia, quod est plus.*»

D. Rodrigo da Cunha no *Catalogo dos Bispos do Porto*, e D. Thomaz da Incarnação na *Historia Ecclesiastica de Portugal*, se bem que escriptores conscienciosos e de merecimento, parece não terem entendido o verdadeiro sentido das palavras que ficam referidas.

Segundo a sua interpretação, D. João Gomes era um verdadeiro analfabeto, um *pobre homem*; e ambos os historiadores citam, cheios de admiração, o texto do livro mencionado.

D. Rodrigo da Cunha traduz da maneira seguinte:

«Era (o Bispo D. João) bom homem, e simples, e sem alguma malicia, e nunca aprendera direito e o que é mais que nem grammatica sabia.»

E depois faz o illustrissimo auctor do *Catalogo dos Bispos do Porto* a seguinte observação:

«Dura cousa de crer, que fizessem Bispo a uma pessoa a quem faltava uma das partes mais conveniente, por

que, ainda que aquelles tempos não fossem tão abundantes de letras, como os presentes, contudo não faltavam sujeitos dignissimos das prelazias que então se proviam.»

E' com effeito difficil acreditar que fosse nomeado para Bispo, e d'uma diocese importantissima, como já então era a do Porto, um individuo nas condições em que o figura D. Rodrigo da Cunha. Não se pôde crer tal cousa.

O mesmo auctor do *Catalogo* não o acreditava, porque continua dizendo que as palavras do Bispo D. Pedro Affonso nasciam do zelo que tinha do bem da sua Egreja, parecendo-lhe que não podia ser letrado nem ainda grammatico quem em justiça tão clara admittia outra concordata que não fosse a posse livre e desembargada da jurisdicção da sua Egreja.

Note-se que a questão com D. Affonso IV versava sobre materia de jurisdicção: queria o rei que se estivesse pela concordata feita com o Bispo D. João Gomes.

Mas, com a devida venia ao illustrissimo Cunha, as palavras latinas de D. Pedro Affonso não significam o que elle diz.

Elle só afirma que D. João nunca tinha *ouvido* direito, isto é, que não tinha cursado alguma eschola de direito, assim como que nunca tinha frequentado alguma eschola de grammatica.

Concluir, porem, d'aquelle logar que elle nunca aprendera direito, nem que sabia grammatica, é menos conforme com a logica.

Acaso não haveria livros, posto que raros, de direito e de grammatica, ao alcance de D. João, pelos quaes, havendo boa vontade, pôde conseguir-se o conhecimento d'essas disciplinas?

Alem d'isso o Bispo D. João Gomes era bom homem; *bom homem*; bom homem é o que conforma as suas acções com as leis, as quaes certamente deve conhecer para as praticar.

Era um *homem simples*, o que nem sempre significa um pobre homem, mas um homem sincero, recto, justo.

Mais, D. João Gomes tinha sido chantre na Sé da Guarda; e, como Bispo do Porto, mereceu toda a consideração d'el-rei D. Diniz, conseguindo entrar de posse dos direitos que tinha na sua cidade.

Ora isto não se podia esperar d'um *homem simples*.

Será sabio sómente o homem que tiver cursado alguma das aulas de Coimbra ou outras quaesquer estabelecidas pelo reino?

Ninguem o dirá.

Não poderá ser excluído do numero dos sabios e dos estudiosos aquelle que, com o auxilio de livros e relações

(1) Philosophos distinctos da Grecia

(2) A ascensão do Senhor foi presenciada por muitas pessoas.

de pessoas instruidas, adquirir a maior copia de conhecimentos, maior ás vezes que os discipulos d'aquellas eschololas.

Logo não podemos qualificar de analfabeto o Bispo D. João Gomes, pelo simples facto de não cursar aulas de jurisprudencia e de grammatica.

Antes, pelo contrario, revindicando elle os direitos que lhe competiam na sua cidade, por escriptura d'el-rei D. Diniz, mostrou que era um Prelado sabio e zeloso.

Foi tambem elle que concorreu muito para a fundação do mosteiro de S. Domingos na cidade do Porto.

Cheio de merecimentos, falleceu este dignissimo Prelado a 5 de dezembro de 1327.

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz

SECÇÃO CRITICA

Os missionarios em Barcellos

(Continuado do n.º anterior)

CASTIGAR os que erram e ensinar os iguorantes — são duas obras de misericordia. Ambas as tenho cumprido desde que iniciiei este trabalho, e ainda hoje os leitores vão observar que as desempenho.

O *pasquincero* de Barcellos, o *amigo das luzes*, está cercado de espessas trévas; precisa de luz; não vê nada! Ora eu, d'um homem em tal estado, tenho compaixão.

Vou, pois, ministrar-lhe luz, vou ensinar o ignorante. E' uma obra de misericordia, e, por isso — *mãos á obra*.

Elle, o *pasquincero*, como os leitores já viram, principiou o *pasquim* por estas palavras:

«Liberaes de todas as cores, patriotas honrados, que ainda brandis o aço das vossas pennas e o gume das vossas espadas—álerta, que o inimigo das trévas, os bandidos hypocritas...» etc.

Temos, pois, o tosco *pasquincero* a gritar aos ouvidos dos *liberaes de todas as cores*, isto é, dos liberaes VERMELHOS, brancos, azues e brancos, verdes, encarnados, azues, amarellos, etc., o chama-lhes — *patriotas honrados*!!!

Que tal? Isto precisa de lição. E visto que o pregoeiro grita pelos *liberaes de todas as cores*, vá lá: é um liberal que lhe vae dar a lição — é o snr. Pinheiro Chagas. Sabe de que cor elle é, pregoeiro? Eu não sei: o que sei é que é liberal.

Pois veja bem, rabiscador, o que o snr. Pinheiro Chagas disse, em 1877, n'uma conferencia feita na Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Ponha os oculos sobre a penca para melhor ver as palavras do tribuno liberal portuguez. Muita attenção, ó *pasquincero*, porque vae fallar o snr. Pinheiro Chagas que não é nenhum rabiscador da «Ideia Nova» de Barcellos.

Ouçá:

«... depois da nossa marinha se occupar principalmente em emprezas de guerra e de commercio, ainda uma nova phalange portugueza vinha heroicamente PRESTAR OS SEUS SERVIÇOS Á CIVILISAÇÃO, AMPLIAR OS DOMINIOS DA SCIENCIA, explorar, na Africa, esse sertão, para onde se voltam as attensões da Europa e percorrer as solidões trilhadas n'este seculo por Livinstone, como se esses orgulhosos inglezes, tão faceis em desdenhar glorias alheias, fossem condemnados a encontrar sempre diante de si — no mar o sulco das quilhas dos nossos navios, na terra as pégadas das sandalias dos Nossos MISSIONARIOS. Proferi a palavra. Essa heroica phalange, a que acima alludi, era a phalange dos missionarios, e acima de todos, e adiante de todos, a dos MISSIONARIOS JESUITAS». (1)

Ora aqui tem o rabiscador o que disse o snr. Pinheiro Chagas: — os *heroicos missionarios portuguezes prestam «os seus serviços á civilisação», e ampliam «os dominios da sciencia»!* (Escrevi acima estas palavras com letras maiúsculas para serem vistas pelo *pasquincero*, mesmo sem oculos).

Mas o liberal snr. Pinheiro Chagas ainda disse mais.

Escute:

«... quando sigo os passos dos seus missionarios (os jesuitas) na America, na Africa e na Asia, quando os vejo, heroes a um tempo da SCIENCIA e da FÉ, MARTYRES DA CIVILISAÇÃO e do christianismo, atravessar invios desertos, affrontar mil vezes a morte, não só para levar a todos os cantos do mundo a luz do Evangelho, mas tambem para ampliar o campo dos CONHECIMENTOS HUMANOS, quando vejo o Padre Goes atravessar toda a Asia Central, e ir por terra da India a Pekim, viagem que só tornou a ser feita pela primeira vez no seculo actual por dois tenentes russos, quando vejo o Padre Antonio de Andrade penetrar no Thibet, expondo-se a mil perigos, e fazer conhecida da Europa essa região mysteriosa, quando vejo S. Francisco Xa-

(1) Está aqui o snr. Pinheiro Chagas a fallar em «missionarios jesuitas», e sem dizer a *casta* dos jesuitas. Ora isto é de fazer dar volta á cabeça do rabiscador de Barcellos. Estou certo de que o *pasquincero* vae agora perguntar ao liberal snr. Pinheiro Chagas a que jesuitas se referiu em 1877. Vae-lhe perguntar se se referiu aos *jesuitas do Varatojo*, ou aos *jesuitas dominicanos*, ou aos *jesuitas augustinianos*, etc., porque, segundo o «melhores» escrivinhador, ha jesuitas de muitas qualidades!!!

vier dar ao Oriente o exemplo de todas as virtudes christãs, quando vejo tantos missionarios jesuitas introduzir-se no Japão, revelal-o á Europa scientifica, ao passo que o tiveram quasi conquistado para o gremio do christianismo, quando vejo outros estabelecer-se na Abyssinia, fundar alli monumentos, que ainda hoje, diz o snr. Guilherme Lejean, attestam o seu poder e a sua actividade, e que parecem construidos com cimento romano, quando os vejo penetrar no mais denso das florestas do Brazil, amansar os indios mais selvagens, aldeal-os e civilisal-os, quando vejo que não ha quasi nem linguas orientaes, nem linguas dos indigenas brasileiros, cuja primeira grammatica e cujo primeiro dictionario conhecido na Europa não sejam devidos a JESUITAS PORTUGUEZES, quando vejo nas suas *cartas annuaes*, relatorios que elles escreviam dando conta das suas missões, o quanto mostravam ter estudado esmeradamente e conhecer a fundo as regiões que percorriam, o meu pensamento vacilla...» (2)

Basta! Termino aqui a transcripção.

Muito mais disse o snr. Pinheiro Chagas, coroando sempre de virentes louros os missionarios portuguezes. O que fica dito, porém, é vassoura sufficiente para varrer todas as *teias d'aranha* dos olhos do *pasquincero*.

Pela lição que recebeu d'um liberal, já o rabiscador vê e tem conhecimento dos verdadeiros e honrados patriotas. Estes—são os missionarios portuguezes, os missionarios catholicos.

Se ha liberaes que tenham prestado os seus serviços á civilisação, ampliado os dominios da sciencia, espargido a luz do Evangelho, liberaes, em fim, revestidos de todos os feitos heroicos que o snr. Pinheiro Chagas attribue aos missionarios, aponte-me o *pasquincero* esses liberaes porque os quero conhecer. Contento-me com pouco: aponte-me um só. Se o fizer, mando-lhe uma boa consoada quando a festa da Natividade do Salvador Divino cair no mez do Setembro.

(Continúa no proximo n.º por falta d'espaco).

Um leitor do «Primeiro de Janeiro».

Collegio do S. Coração de Maria em Chaves

COMO já em tempo foi noticiado pelo «P. Catholico», teve Chaves a felicidade de ver dentro

(2) O que o snr. Pinheiro Chagas disse dos missionarios catholicos d'outra, o mesmo se pôde dizer dos missionarios d'hoje. Leiam-se os annaes da maravilhosa e hemfazojá associação da propagação da fé, onde se vê isso claramente.

de seus muros um collegio para educação de meninas.

Installado no convento de N. Senhora da Conceição foi aberto pela primeira vez no dia 4 de janeiro do anno corrente. Achando-se porém em más condições a parte do convento, que a Exc.^{ma} Snr.^a Madre-Abbadessa cedeu para tal fim, houve necessidade de proceder a alguns reparos, durante o que não era possível haver a regularidade requerida em taes estabelecimentos. Concluidos alguns trabalhos de primeira necessidade no dia 1.º de maio, realisou-se no dia 2 a abertura solenne e geral, pois que até esse tempo apenas se recebiam meninas externas.

Esta inauguração foi solemnizada com uma festa toda religiosa, que passo a descrever a largos traços, por me faltar tempo e capacidade para fazer uma pintura minuciosa e exacta do que ella foi.

—A igreja do convento de N. Senhora da Conceição, onde se realisou tão magestosa solemnidade, estava simples mas graciosamente decorada. A tribuna especialmente, onde se fez a exposição do SS. Sacramento, repleta de lúmen e matisada com lindissimos vasos de flores, ostentava uma magnificencia e brilho admiráveis.

A's 9 e meia horas da manhã, pouco mais ou menos, 9 meninas collegiaes, convenientemente preparadas pelas incansaveis religiosas do S. Coração de Maria para n'aquelle dia hospedarem pela vez primeira em seu peito virginal o Divino Jesus, sahiram do convento em direcção á igreja, vestidas todas segundo o mesmo modelo.

—Calçavam sapato branco. Trajavam compridos vestidos de fina e alvissima cambraia; véos igualmente brancos, pendendo-lhe da cabeça rastejavam pelo chão; uma grinalda de flores branca com folhas prateadas lhes cingia a fronte; lindo collar de brilhantes pérolas lhes circumdava o niveo pescoço; luva branca lhes cobria as delicadas mãos; envolto no pulso esquerdo levavam um roziario tambem branco, e a mão direita sustentava uma tocha elegantemente ornada. Assim ataviadas, se encaminharam para a igreja duas a duas e com passo grave as innocentes meninas, precedidas de 4 pequeninas collegiaes vestidas d'anginho com uma riqueza e elegancia que não posso explicar, sendo acompanhadas por duas Exc.^{mas} religiosas, uma das quaes era a respeitavel e dignissima directora do collegio inglez de Braga M.^{ma} Marie de Liguori Mac-Mullen, que veio dar ás suas virtuosissimas irmãs de Chaves a honra de sua assistencia a uma festa de tanto jubilo para ellas e para os bons Flavienses. Dando entrada por uma porta, que da rua dá passagem

para a sacristia, ali se conservaram por algum tempo com a maior ordem e silencio, até que a um signal dado pelo digno regente da orchestra, se encaminharam para a igreja. Apenas as meninas da frente tocaram o limiar da porta, que da sacristia conduz á capella-mór, no côro, como por encanto, soltaram os afinados instrumentos os sons maviosos d'uma tão mimosa symphonia, que o auditorio se arrebatou e commoveu.

Chegadas á capella-mór, ali foram as virgens do Senhor dispostas pelas duas religiosas na melhor ordem.

A igreja estava de tal modo repleta de pessoas de varias classes que, obrigadas a estar de pé, formavam como que uma massa compacta, por modo que o movimento d'uma produzia, á semilhança de uma onda, um movimento geral.

Muita gente ficou fóra por lhe não ser possível penetrar no sagrado templo. Assim disposto tudo, o bem conhecido missionario P.^o Agostinho de Sousa Gonçalves, no plano do altarmór, dirigiu ás meninas uma eloquente exhortação. Servindo-lhe de objecto as candidas vestes que trajavam, como symbolo da pureza; a corôa que a fronte lhes cingia, como symbolo de realteza, e a tocha que empunhavam, como symbolo da fé, teve suspensos de seus labios os ouvidos por mais d'um quarto d'hora. Antes de terminar pratica tão tocante, a um signal dado pelo digno orador, a menina Antonia dos Anjos Faria, subindo com passo gracioso ao supedaneo do altar, ali, voltada para o auditorio, proferiu as seguintes palavras, que fizeram derramar lagrimas a varias pessoas: «Senhores: chegou finalmente o dia mais feliz de toda a nossa vida, em que pela primeira vez vamos receber a nosso Senhor Jesus Christo. Já purificamos as nossas consciencias no sagrado tribunal da Penitencia; como porém algumas vezes tenhamos offendido, eu, em meu nome e de minhas caras companheiras, venho pedir perdão. Meninas, ajoelhe-mos todas e peçamos perdão. Perdoe-nos pelo amor de nosso Senhor Jesus Christo e rogae a Deus por nós.»

Estas palavras, pronunciadas por uma menina de 9 e meio annos, não podiam deixar de commover muito e muito as pessoas que as escutavam, pois que só a leitura d'ellas e a lembrança da tenra menina, de cujos labios ellas sahiram, fazem assomar as lagrimas aos olhos.

Depois, terminando o snr. P.^o Agostinho a sua brilhante pratica, se dirigiram para o altar o celebrante e acolythos; e, cantada a confissão pelo diacono, se distribuiu a Sagrada Communhão ás ditosas meninas, approxi-

mando-se cada uma por sua vez da meza, que era sustentada por tres anjinhos, enquanto que um outro lhes espargia flores por sobre a cabeça. Terminado acto tão edificante e grandioso e depois de haverem dado graças por algum tempo, foram á sacristia tomar uma mui pequena refeição, fazendo-se, durante esse pouco tempo, a exposição do SS. Sacramento. Voltando ao seu primeiro logar as esposas queridas de Jesus, cantou-se o *Tantum ergo* até ao verso *Genitori*, findo o qual principiou a missa a grande instrumental, que a orchestra do Snr. Douweus, digno regente da banda d'infanteria 19, executou admiravelmente.

Depois do evangelho subiu ao pulpito o Snr. P.^o Agostinho, que fez um discurso, que agradou; nem outra coisa era d'esperar de tão bem conceituado orador. Terminando o sermão, continuou a missa com a maior regularidade, no fim da qual se concluiu o *Tantum ergo*, que a excellente orchestra fechou com uma chave d'ouro. Concluida esta solemnidade tão sympathica, tão magestosa e tão santa, voltaram, pela mesma ordem porque tinham sahido, as felizes meninas para o convento, onde as virtuosissimas religiosas lhes ministraram uma lauta refeição, a que assistiram algumas familias. A's 5 horas da tarde outra vez sahiram do convento as innocentes meninas, vestidas como de manhã, e se encaminharam para a sacristia da igreja do mesmo convento, onde já eram esperadas pelo indigno actual capellão do collegio, o qual de sobrepelliz, estola e pluvial, e precedido das mesmas meninas, se dirigiu para o altar da Senhora das Graças. Ah! na falta do digno orador, que por graves motivos se havia retirado, e por não haver infelizmente outro sacerdote que o fizesse, tomando por thema as palavras—*Sinite parvulos venire ad me*.—dirigiu ás attentas meninas algumas toscas e desconcertadas palavras, fazendo-lhes ver o prodigio de amor que Jesus havia operado para com ellas, e por consequencia o dever de gratidão que tinham de lhe retribuir tambem com amor. Que deviam protestar-lhe inviolavel fidelidade, e por tanto deviam confirmar o que outr'ora haviam prometido por meio de seus padrinhos. Dito isto, as meninas duas a duas e com a dextra sobre um missal, que o humilde autor d'estas linhas sustentava sobre os joelhos, proferiram a seguinte formula: —«Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo, amen.

A' face da Santa Igreja Catholica, renuncio de todo o coração ao demónio, ás suas pompas e ás suas obras. Faço profissão de crer em Jesus Chris-



A INFANCIA EM FOLGA.

to, de O adorar, de O amar e de O imitar durante toda a minha vida. Em nome do Padre etc.»

Depois d'isto, fazendo-lhe ver a necessidade que tinham de confiar á vigilancia e solicitude da Santissima Virgem a guarda da preciosa joia da divina graça, que suas almas encerravam, a intelligente menina Elvira Villas-Boas, filha do dignissimo recebedor d'esta comarca, fez, de joelhos aos pés da Virgem e em nome de todas, o seguinte acto de consagração:

«Santissima Virgem Maria, Mãe de Deus, rainha dos Anjos e dos homens. Mãe de graça e de misericordia, gloria do Céu, alegria e consolação da terra; Vós que por tantos titulos mereceis nossos mais profundos respeitos e homenagens, n'este dia, que é o mais bello de nossa vida; n'este dia, em que Jesus, Vosso divino Filho se dignou admittir-nos pela primeira vez ao Augusto Banquete, vimos com a maior das alegrias consagrar-nos ao Vosso amor..... O' doce Maria, nós apenas suspiravamos pelo feliz momento em que nos seria dado offerer-Vos os nossos corações!

Acceitae-os, Virgem Santa, nossa boa e terna Mãe; encerrae-os no Vosso, para que o habito contagioso do peccado jámais possa maculal-os. Gravae, ó Mãe Divina, na alma de cada uma de nós o Vosso horror ao peccado, o Vosso desprezo pelo mundo e suas vaidades e o Vosso amor a Jesus. Lançae as Vossas bênçãos sobre todos aquelles que contribuíram para a nossa felicidade por suas obras ou preces. Fazei-a descer sobretudo com abundancia sobre este pastor tão..... Vós sabeis, boa Mãe, o que elle tem feito para nos tornar dignas de Vós; vê-nos com feliciade a vossos pés; já nos encerrou no Vosso Sagrado Coração, e supplica-Vos que não permittaes que tornemos a sair d'elle. Lançae tambem um olhar d'amor sobre nossos Paes, que nos são tão caros e cuja salvação nos interessa tão vivamente. Poderiamos acaso ser felizes, se elles não tomassem parte na nossa felicidade? E Vós, terna Maria, poderieis n'este dia recusar-nos alguma cousa, sendo certo que jámais sois invocada inutilmente? Santificae-os, salvae-os; salvae-nos com elles para que, reunidos no reino celeste, ao pé do Vosso Throno, possamos todos ver-Vos e beindizer-Vos para sempre. Amen.»

Este acto de consagração compun-ge e alegre ao mesmo tempo o humilde sacerdote, que estas linhas escreve, por ver que aquelles anjos da terra se não esqueceram d'elle aos pés da Virgem; declara porém, com bastante magua, que é indigno, indignissimo do conceito que d'elle formam. — A is-

to seguiu-se o exercicio do mez de Maria com Ladainha e varios canticos executados pelas virtuosissimas religiosas, terminando-se pela benção com o SS. Sacramento.

Aqui está a imagem imperfeita d'uma festa que deixou gratas impressões saudosas no animo de quem a ella assistiu.—Concluo, dando mil parabens primeiramente ás santas religiosas, que tão desveladas e zelosas se lêem mostrado na educação das meninas.

Dous-os especialmente ás Exc.^{mas} M.^{mas} Marie du Sacré Coeur de Jesus e Marie de la Salette, que com outra religiosa conversa o uma menina educada no seu collegio de Braga, deram inicio a este florescente instituto, tendo soffrido muito e muito por amor de Jesus.

Dou-lh'os tambem por lhes ser deparada para superiora a virtuosissima M.^{ma} Marie de l'Annonciation, que com a inauguração do collegio assumiu o espinhoso cargo de directora.—Devo tambem fazer conhecer a generosidade e caridade da Exc.^{ma} Sur.^a D. Antonia Maria da Veiga Faria, assignante do «P. Catholico», que não só pagou a musica, senão que se offereceu para fazer outra qualquer despeza. O snr. Antonio Fraga pagou á sua custa toda a cêra que se gastou em tal solemnidade.

O snr. Agostinho da Cruz Rodrigues, assignante tambem do «P. Catholico», arrou a igreja de graça.

O Rev.^o P.^o Manoel Gonçalves Couto cantou a missa e o Rev.^o P.^o Agostinho, convidado por aquelle, prégou tambem de graça. Todos os demais sacerdotes assistiram de graça e uma pessoa devota deu uma esmola rasovel.

Seria uma falta deixar em silencio o nome da Exc.^{ma} Madre-Abbadessa do convento de N. Senhora da Conceição, que forneceu todos os paramento e altaias. Devo outro-sim dar os parabens á excellente orchestra e com especialidade ao seu digno regente snr. Douwens, que tão brilhantemente andou.

Ficarei por aqui. Em occasião mais opportuna e de mais saúde fallarei do movimento do collegio, senão houver duvida em se me ministrarem os dados sufficientes.

Termino louvando a Deus, e dando parabens aos flavienses pelo grande bem espirital e temporal que lhes hade advir de tão auspicioso instituto.

Chaves—27—5—86.

P.^e J. B. de Magalhães.



SECÇÃO LITTERARIA

O meu sonho....

..... e vi, que delicias! um jardim esmaltado de flores brilhantissimas cujo cheiro era tão suave que me embrigava. Pasmeei á vista de tão grande belleza!... Uma nuvensinha de fumo baixava do céu, branca, mais branca que a neve e se espalhava junto d'um regatãozinho que ahí corria brando e suave.

Admirei tão artistica belleza!... De repente esse fumo desprezou-se dos ares e ficou no chão em fórma d'um throno..... Eu pensava.... eu scismava..... eu dava voltas mil ao meu pensamento.... quando de repente uma luz, cuja brilho não tem egual, mais brilhante que o Sol doirado da Primavera, me offusca os sentidos e eu caio desmaiada deixando cair os «bouquets» de flores que tinha apanhado..

No meio do desalento das minhas forças vi uma Senhora cuja fronte scintillante ninguem podia encarar; vestidos mais brancos que a agua chrystallina das fontes, uma cintura mais azul que a côr do céu, uma corda de brilhantes e perolas na sua estrellada cabeça, e dois Anjos tambem de belleza extraordinaria, vestidos de branco, espalhavam flores ao passo que a Senhora descia. Eu não sentia a afflicção que dá o desmaio, mas o prazer que sente o coração perante uma cousa bella.

Esta visão descia a passos lentos, e um coro d'Anjos suspenso no ar, tendo no meio um mancebo com a fronte inclinada apontando com a mão direita para o seu Coração, entoava hymnos tão melodiosos como meus ouvidos nunca ouviram. Dous Anjos sustentavam um distico em lettras douradas que dizia «Aquelle que ama o meu Coração será amado de meu Pa e em mim achará toda a doçura». Vi isto, e de repente os Anjos, companheiros da Senhora, se curvaram reverentes e uma nuvem doirada escondeu-me a segunda visão. A Senhora chegou-se a mim e eu retomei os sentidos. Assentou-se no throno e os Anjos curvados com reverencia, me fizeram curvar tambem. Passados alguns momentos a Senhora disse-me: «—Que fazes tu aqui?» E tremi ao ouvir uma voz tão suave e as lagrimas rebentaram-me dos olhos e os suspiros do coração. Não tive resposta para dar a uma voz tão meiga, tão terna, tão doce!... A mesma pergunta repetiu-se e ouvi mais:

«Não temas, Hedwiges, quem te falla é a Virgem do Rosario». Com voz tremula respondi entre soluços: — «Senhora, colho flores». — «E para que são essas flores?» — «São para adornar os vossos altares que é hoje o ultimo dia do mez de Maio.» Calou-se a Senhora e mais nada ouvi. Depois passados mais alguns momentos o céu começou a abrir-se, os Anjos cantavam e vi assentado em um throno doirado recamado de brilhantes e perolas o Mancoço que ha pouco vira apontando para o seu terno Coração. Então tornei a ouvir a voz da Senhora que me disse—Minha filha, vou deixá-los.

«Como, minha Mãe, deixar-me? Vosso Coração não se compadecerá de me vêr sempre lacrimosa por essa belleza?» — Ora, me respondeu a Senhora, ora, cre e espera; eu se-rei contigo—. Cobri a minha fronte com um ramalhete de flores para me não verem as lagrimas.

Eu vou, me disse a Senhora, eu vou alegre e cheia de jubilo pelo teu juvenil offerecimento; agradeço-te e em recompensa te dou a minha benção. E' verdade, Hedwiges, que é hoje o ultimo dia do meu mez, mas amanhã principia outro não menos encantador, o mez de junho, o mez do amor, o mez do meu Filho, o mez do meu Jesus, que vêr n'aquelle throno convidando-te a que o ames. Vou-me embora minha filha, ora e peço-te.....

De repente uma nuvem levou aquella visão para os céos ficando o firmamento todo matisado d'estrellas.

Accordei, olhei em volta, perguntando a mim mesmo se seria a realidade?... ah mas eu dormia!... Foi sonho, mas que belleza!... «E peço-te....» Que queria dizer aquellas palavras?!... Que queria dizer a minha visão?!... Que quererá dizer e meu sonho?!

Que Maria nunca desampara os seus filhos que a amam e estes nunca devem dixer de pronunciar seu nome, nem mesmo de noite. Seu nome, o nome de Maria deve andar na bocca dos fieis até mesmo nas trevas quando descançam das fadigas do dia. Ah Maria, minha Mãe, permitti que este sonho, este ideal, seja real na hora da minha morte. Adeus mez de Maio, mez de doçura e belleza!

Salvé! mez de Juho, mez de doçura e amor!

Hedwiges Christiana Elisabeth da Silva Freire.

SECÇÃO ILLUSTRADA

A infancia em folga

Esta dia feriado. Antes mesmo do almoço já os quatro pequenos, que a nossa gravura representa, procuravam em que passar o tempo, visto que os livros tinham de fazer em paz durante todo o dia. Na vespera havia-se armado a ratoeira aos ratos, a esses travessos que tudo roem, e os nossos heroes foram em demanda da ratoeira; e na esperança de que haveria caça, fizeram-se acompanhar por tres formosos gatos.

Seguros pelos pescoços lá estavam tres ratinhos, que fizeram a alegria dos pequenos e dos gatos. Entre o gargalhar alegre das innocentes creanças, foram tirados os bichanos e lançados aos gatos que perfilados os esperavam.

Deu o autor ao quadro uma graça e naturalidade admiraveis, tanto nas figuras dos pequenos caçadores, como na dos gatos, tornando assim a sua obra digna de reproduzir-se, como o tem sido, por meio da gravura, em varias revistas do estrangeiro. E' por isso que nós tambem o reproduzimos, para dar aos nossos leitores a copia de um quadro muitas vezes visto em todas as casas onde ha creanças, e para dar a estas o prazer de ver as suas proezas estampadas no *Progresso Catholico*, que nem sempre estará de espada nua para cortar sem piedade o costado dos inimigos de Deus e da sua Igreja; uma vez ao menos os deixará em paz.

R.

SECÇÃO NECROLOGICA



Qui credit in me, etiam si mortuus fuerit, vivet.

S. Joh. 11—25

MAIS um nome riscado da grande lista dos assignantes do *Progresso Catholico*!

Mais um nobre soldado da grande milicia catholica morre abraçado ao seu lábaro no campo, que jámais abandonou! Mais um incansavel trabalhador na vinha do Senhor succumbe á força de violentas fadigas e soffrimentos! Mais uma campa se abre para receber os despojos mortaes d'um catholico fervoroso, cuja falta muitas lagrimas custou a um grande numero das boas pessoas de

Chaves! Sim: Liborio Antonio Lage, natural de Loivos, e que, havia quasi vinte annos, vivia em Chaves, já não é d'este mundo; seu corpo repousa sob a fria lousa supulchral, e sua alma vouu ao Céu a receber o premio, com que Deus gualardou a virtude.

A sua falta deixou em Chaves um vacuo, que difficilmente será preenchido.

Desde tenros annos se entregou á pratica da virtude, que soube cultivar com invejavel perseverança até á idade de 35, em que deixou o mundo. Tendo por seu ordinario director espirital o bem conhecido missionario P.º Manoel José Gonçalves Couto, incansavel apostolo trasmontano. Confessava se amiudadas vezes, e mais frequentemente ainda se alimentava com a Sagrada Comunhão. Tinha prima-tonsura, e porisso muitas vezes trajava habitos ecclesiasticos, cingindo frequentemente o seu cabeção, insignia de que muitos sacerdotes se envergonham.

Liborio Lage não possuia grandes conhecimentos, mas tinha em compensação o sufficiente tino e prudencia para bem se dirigir na senda do dever. Essencialmente energico e activo, prestou relevantes serviços á causa catholica promovendo solemnidades religiosas, que sabia dirigir com mestria, e dando impulso a outras boas obras. A obra que porém mais o immortalisa, é o collegio de N. Senhora da Conceição, he pouco fundado n'esta villa. E' a elle, quasi exclusivamente a elle (perdoe-me o amor proprio d'alguem) que se deve a fundação do já tão florescente instituto. Foi elle que conseguiu (por seus amigos, já se vê) que o governo cedesse á confraria da Senhora das Graças o convento de N. Senhora da Conceição, para n'elle se estabelecer um collegio para educação de meninas. Foi tambem por iniciativa e instancias d'elle que algumas dignas religiosas do SS. Coração de Maria vieram, com bastante difficuldade e sacrificio, do collegio inglez de Braga, e deram principio ao referido instituto, que, graças ao zelo de tão virtuosas e incansaveis obreiras, tem tomado um desenvolvimento admiravel no curto espaço de quatro mezes e meio.

Esta fundação, como outras boas obras que poz em pratica, não deixou de lhe acarretar alguns dissabores pela inveja d'uns, e pelo odio d'outros a tudo o que é religioso e bom. Elle porém tudo soffria com resignação evangelica.

Todos os dias era alvo das chufas e vaias de certos espiritos, que se deliciavam em zombar d'elle, e das exprobrações injuriosas d'outros, que tinham como mal feito o bem que elles se não dispunham a praticar. E' que a gloria merecida muitas vezes é invejada por quem é incapaz de grangeal-a. Li-

torio Lage respondia aos primeiros com um sorriso e por vezes com palavras elustrosas, e para com os ultimos procurava justificar se, sem que se mostrasse offendido: d'este modo nem odiava, nem contrahia a amizade d'alguem.

Desde ha muito tempo era Liborio Lage victima de graves soffrimentos; todavia não o aterrava a lembrança da morte, porque a paz de sua consciencia lhe assegurava a sua salvação. Manifestava bastante odio ao peccado e amor para com Deus. Na vespera do dia em que falleceu indo eu visital-o ao seu leito da dôr, apenas me avistou, disse com ua voz forte: «Vá, Sr. F., vá por ahí fóra prêgar a esses peccadores para que se convertam e não offendam mais a Deus!... Oh quem me dera ver agora aqui esses peccadores!... Esta é a hora dos desenganos!... O' religião santa, só tu confortas o homem á hora da morte!... Abençoi, meu Deus, a fundação! (referia-se ao collegio, para que tanto trabalhou)... V. não me desampare aquillo, (me dizia)... V. já assistiu á morte d'alguem?... se o morrer não custa mais do que isto declaro que não custa nada... de certo ainda não morrerei d'esta vez; é preciso que eu soffra mais alguma coisa da parte d'essas pe-soas,... porém Vós, ó meu Deus, bem sabeis que se continuo a viver, poderei offender-vos mais!...»

—A's 9 horas da noite apoderouse d'elle uma tão dolorosa agonia que, se a graça divina o não sustentasse, jámais poderia soffrer pacientemente tão cruéis afflições! Fortificado porém com os ultimos sacramentos, que devotamente havia recebido e abraçado ao crucifixo, não afrouxou nem desfalleceu em tão violento combate!

Receiava, porém, tanto perder a paciencia, que não permittia retirar-se de seu lado o humilde sacerdote que lhe assistia. Apertando constantemente contra si o bom Jesus, pedia aos circunstantes que orassem por elle.

—Edificava com suas palavras e movimentos; as dôres vehementes que porém o cruciavam, amargura v am quem tão doloroso espectáculo presenciava! A's 3 horas da manhã minoraram-se lhe os padecimentos e assim permaneceu em paz até ás 3 e 40 minutos, em que suavemente exhalou o ultimo suspirito. *Talis vita, finis ita*:

Passou na terra uma vida adorna da de virtudes; teve tambem a preciosa morte dos justos. A sua morte por tanto foi o principio d'uma vida mais ditosa! Que sua alma gose lá no Cêo o premio, que Deus liberalmente concede a quem, como elle, na terra pratica o bem. De sua alma

se lembrem os numerosos assignantes do «Progresso Catholico».

Requiem aeternam dona ei Domine.

Chaves
19-5.º-86

P.º M.

A morte é incansavel na sua faina. Córta para todos os lados e estende os crepes lutosos por toda a parte.

Na hora presente mais tres leitores e amigos do «Progresso Catholico» se acham abrumados em acres dores, porque a morte lhes roubou entes queridos.

O Rev.º Sr. P.º Joaquim José Soares, amigo da nossa Revista e nosso e que além d'isso tem por vezes illustrado com o seu nome as paginas do «Progresso Catholico», acaba de perder um thio o Sr. Francisco da Silva Pereira.

O Ex.º Sr. João Manuel Marques Marialva, a quem devemos serviços prestados na Beira Alta, está tambem de luto pela morte de uma thia.

E este tambem enlutado pela morte de um seu irmão, o nosso bom amigo e patricio, o Rv.º P.º Antonio Augusto Monteiro,

Pedir a todos os leitores uma prece por alma das tres pessoas fallecidas, dever é de catholicos, e de catholicos é tambem o acceder a tal pedido, por isso cremos ser escutada a nossa caridosa supplica.

Dar sentidos pesames aos nossos bons amigos, tributo é de amizade e de fundo reconhecimento.

RETROSPECTO DA QUINZENA

ESTA' em terras de Guimarães, fazendo uso de banhos em Vizella o venerando Prelado portugalense, o Em.º Sr. Cardeal D. Americo.

Felicitemos a formosa povoação vizelense por ter em seu seio um dos mais illustres Principes da Igreja, e reverentes cumprimentamos S. Em.º

Agora que tomou posse do cargo de coadjutor de S. Exc.ª Revd.º Sr. Bispo de Angra, o Exc.º Sr. Bispo de Nilopolis, D. Francisco Maria de Sousa de Lacerda, devemos dar alguns leves apontamentos para a biographia do illustre prelado, destinado a substituir o sabio e virtuoso prelado açoriano:

«Nasceu o Exc.º e Revd.º Sr. D. Francisco Maria de Sousa de Lacerda, em Aljubarrota em o 1.º de Janeiro de 1827, sendo filho dos Exc.ºs Raymundo Verissimo de Sousa de Lacerda, coronel de Milicias de Thomar e de sua esposa D. Maria da Graça Freire do Prado Siltor de Mendonça de Sousa. Cil, da familia dos Viscondes d'Azurára.

Tendo o Illustra Prelado feito os seus preparatorios em Lisboa e havendo estudado theologia com um eminente theologo, entrou em 1853 no seminario de Santarem fez o seu curso no anno de 1854 havendo sido despachado Prior da Igreja de S. Braz da Chamusca, por ser o primeiro classificado no concurso em 1855.

Ali se conservou até ao presente prestando os maiores serviços á igreja e aos seus parochianos tendo sido nomeado por sua Eminencia o Cardeal Patriarcha D. Manoel Bento Rodrigues, vigario da vara do Arcyprestado da Chamusca.

Em agosto de 1867 foi pelo exm.º ministro da marinha Mendes Leal, proposto para Bispo d'Angola e Congo, cargo que não aceitou pela sua muita modestia.

No anno seguinte foi-lhe ainda offerecido o Bispado de Cabo Verde que egualmente recusou.

Em 1872 foi despachado Prior da igreja de Nossa Senhora do Socorro, uma das mais rendosas da capital.

Como esta nomeação causasse grande consternação na Chamusca e se reunisse o povo todo a pedir ao seu digno pastor que o não abandonasse, Sua Exc.ª Revm.ª resolveu com o maior despreendimento renunciar o importante priorado a ficar com os seus parochianos.

Em 1877, tomou parte na peregrinação portugueza ao Vaticano, e publicou no anno seguinte uma muito notavel obra sobre esta peregrinação que se intitula — «De Lisboa a Roma, noticia historica da peregrinação portugueza».

Tem sido Sua Exc.ª Revm.ª encarregado pelos Eminentissimos Cardeacs Patriarchas, de diversas commissões de grande importancia e ultimamente em 1880 foi chamado a fazer parte da syndicancia ao seminario de Santarem, concorrendo muito para que as cousas entrassem em bom caminho, n'aquelle seminario.

A Carta Pastoral que o Exc.º e Revd.º Sr. D. João Maria Pereira do Amaral e Pimentel dirigiu ao clero e fieis da diocese d'Angra, ao entregar o governo da mesma diocese ao seu futuro successor, e como de

despedida ao rebanho que durante 14 annos pastoreou tão digna e sabiamente, é repassada de unção religiosa, e por toda ella transluz aquelle espirito tão esclarecido e tão altamente catholico, que sempre podemos admirar em todos os seus escriptos. Não nos permitto o pouco espaço de que dispomos, transcrever na sua integra esse notavel documento, mas do pouco que transcrevemos avaliarão os nossos leitores o fundo religioso que d'elle ressalta:

«Aqui vos deixamos, pois, carissimos Irmãos e Filhos no Senhor, como em testamento espirital, traçadas as regras por onde deveis dirigir-vos durante esta curta vida mortal ao fim ultimo, para que fomis todos creados.

Nós vos pedimos com o encarecimento e empenho proprio de pai espirital, que tom de dar conta de vossas almas,—que não esqueçais em tempo algum estas pequenas instrucções e recommendações, sufficientes para conseguirdes a salvação de vossas almas.

Agora imitando a fervorosa oração que o nosso amavel Redemptor dirigiu a seu Eterno Pai na vespera de sua sagrada paixão e morte em favor dos seus discipulos levantando as mãos ao Céu diremos: «Eu vos rogo, ó Pai eterno, por aquelles que entregastes aos meus cuidados. Elles ficam no mundo guardai-os em vosso nome. Eu lhes ensinei a vossa doutrina; não vos peço que os tireis do mundo, mas que os livreis do mal, isto é do peccado; e que permittais que o indigno pastor se reuna um dia com suas ovelhas no vosso Reino para Vos louvarem e bendizem por todos os seculos dos seculos. Amem.

E concluiremos com as mesmas palavras com que vos saudámos quando chegamos a esta Diocese *A Paz do Senhor seja convosco—Pax vobis.* no tempo e na eternidade. E, como penhor da satisfação d'estes nossos desejos, vos enviamos, carissimos Irmãos e Filhos, n'esta hora solemne, a nossa bênção de pai extremoso e saudoso, em nome do Senhor.

Benedictio Dei omnipotentis, Patris, et Filii et Spiritus Sancti descendat super vos et maneat semper. Amem.»

A devoção do SS. Coração de Jesus ainda que a alguém pareça de pouca ou nenhuma importancia, e só fructo da *beatissae*, vae tendo um desenvolvimento espantosamente assombroso.

Da freguezia de Dornellas, no celho da Pampilhosa, nos communicam ter-se ali feito no dia 2 de maio uma imponente festividade em honra do SS. Coração de Jesus, constando de missa cantada a grande instrumen-

tal, sermão pelo Revm.º Padre Manoel Fernandes das Neves, que, n'um bem elaborado discurso mostrou o amor de Jesus para com as creaturas, e o quanto cumpre que todos recompensem devidamente esse amor com a pratica das virtudes christãs.

Por esta occasião tivera lugar uma communhão geral de meninas, aproximando-se pela vez primeira da celeste meza cincoenta creanças. Em seguida saiu uma brilhante procissão, na qual iam as creanças que commungaram, com seu pequeno andor e varios anghinhos ricamente vestidos.

A concorrência do povo era imensa, e todos se achavam dominados pelo respeito e devoção para com o SS. Coração de Jesus.

Louvamos o zelo do Revm.º Prior da freguezia, Epiphany José da Costa Vidigal Castello Branco, e de todas as pessoas que concorreram para esta festividade, entre as quaes devemos nomear o exm.º snr. Dr. João Dias Barata e familia, e a exm.ª sr.ª D. Luisa de Magalhães Tabora e as exm.ª sr.ªª Meirelles, do Carregal, pela boa vontade com que trabalharam pelas glorias do SS. Coração de Jesus.

No «Diario do Governo» de 21 de abril lia-se um decreto agraciando cinco Irmãs de caridade hespanholas, com a *Medalha de prata para distincção e premio concedido ao merito, philanthropia e generosidade.* Estas graças do governo, ou do Rei de Portugal concedidas a cinco d'esses anjos de caridade, tem um valor espantosamente grande, porque mostram que nas altas regiões do poder se conhece mais e melhor os serviços prestados nos hospitaes, pelas Irmãs de Caridade, do que se conhecem nos bordéis e nos botiquins pepineiros, d'onde sahem ordinariamente os que mais de perto recebem os beneficios que essas mulheres extraordinarias dispensam nas enfermarias aos pobres que a doença e a miseria ali arrasta.

E é ao mesmo tempo um protesto do governo contra os insultos que na praça publica se arremeçam ás pobres Irmãs, protesto que melhor era fosse lavrado a fio do sabre, porque a má educação, se na escola se castiga com palmatoadas, na rua deve castigar-se a golpes de espada.

Agradecemos ao governo portuguez este rasgo de generosidade, ainda que pequeno, porque o governo da republica em França, não se peja de pendurar ao peito das Irmãs de Caridade a Cruz da Legião de Honra; mas em Portugal as Gran Cruzes são para os Grandes-Mestres...

Eis os nomes das dedicadas filhas

de caridade hespanholas, que o nosso governo distinguiu:

Irmã, Jeronyma Alivarria.
Irmã, Fausta Goynchea.
Irmã, Catalina Rivera.
Irmã, Ignacia Perez.
Irmã, Joaquina Duran.

Parece que a graça fora concedida como recompensa dos serviços prestados pelas Irmãs por occasião do cholera a marinheiros portuguezes.

Em um dos n.º do «Progresso Californense», da California, escripto em portuguez, encontramos o seguinte communicado, que vamos reproduzir, para mostrar, não só, que a Igreja Catholica prospéra espantosamente alli, mas tambem para que se saiba que os portuguezes residentes em tão longinquas paragens não deixam de ser portuguezes e catholicos, tendo á sua frente um missionario como o Revd.º Padre Governo, cujo nome de ha muito honra a lista dos assignantes e amigos do «Progresso Catholico».

Eis o communicado:

«*Snr. Redactor do PROGRESSO CALIFORNENSE:*

A igreja catholica que os Portuguezes de Centreville tencionam erigir ao Divino Espirito Santo, já se acha com a fundação feita. Domingo, 28 do corrente, foi o dia designado para a collocação da pedra-angular, ou a primeira pedra, como vulgarmente a denominam. Foi um dia de festa para os habitantes de Centreville, que jámais será esquecido por aquelles que assistiram a uma scena verdadeiramente catholica como esta. Logo de manhã, começou a affluir grande concurso de fieis, que vieram para assistir á festa, que devia principiar ás 3 horas da tarde, mas antes d'essa hora já se achavam mais de 3,000 pessoas de varias nacionalidades, não só catholicos mas tambem muitos protestantes. A hora designada chegou Sua Ex.ª Rev.ª o Snr. Bispo O'Connell, acompanhado dos Reverendos Snrs. Padres Montgomery, de San Francisco, Cronuel e Governo, da Missão de San José, começando a festa por cantarem a Ladainha dos Santos, e em seguida foi assentada a pedra-angular, e dirigindo-se todos em procissão, foi bento o logar aonde se deve edificar esta grande obra, que mais tarde vae ser dedicada á Terceira Pessoa da Santissima Trindade. Concluida esta tão tocante cerimonia, o Revd.º Padre Montgomery fez um lindo discurso em Inglez, discursando sobre a união da Igreja, e fazendo ver aos seus ouvintes a differença que existe entre os Catholicos e protestantes, e aquelles que não seguem religião alguma. O Snr. Padre Montgomery não precisa de elogios, mas todos os que

entendiam Inglez ficaram satisfeitos, porque a sua fama de orador sagrado, já de muitos é conhecida. Em seguida o Revd.º Snr. Padre Governo, da Missão de San José, também fez uma linda oração em Portuguez, tomando por thema: «Sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ella;» fazendo conhecer aos seus ouvintes a significação d'estas palavras e terminando por pedir aos Portuguezes que contribuissem com as suas esmolas para a edificação d'esta tão importante obra do Senhor, e que mostrassem a sua devoção para com o Divino Espirito Santo, ajudando a que se faça esta Igreja, primeira dedicada ao Divino Espirito Santo, no Estado de California; que o seu appello não era só para os Portuguezes de Centreville ou Condado de Alameda, mas sim para todos aquelles que quizessem mostrar a sua devoção para com o Divino Espirito Santo. Terminou a festa cantando-se o *Magnificat* licando então assentada a primeira pedra da Igreja Catholica Portugueza de Centreville.

Os Portuguezes de Centreville podem dar-se por felizes, por terem um padre como o Revd.º Snr. Governo, que tem trabalhado e está trabalhando noite e dia para ver feita esta Igreja, que não só honra muito a Deus Nosso Senhor, mas vae honrar os Portuguezes, para que as demais nações vejam que são catholicos, e que sabem contribuir liberalmente para a edificação das Igrejas, e que seguem a verdadeira religião, que é a Catholica Apostolica Romana.

M. VIEIRA.

CENTREVILLE, Cal., 30—3—86.»

Mais um documento comprovativo da ignorancia dos padres, do seu desamor ao trabalho. O «Jornal do Commercio», do Rio de Janeiro, noticiando a morte do Padre Luiz Malvezzi, assim se exprime:

«Finou-se com 80 annos de idade o padre Luiz Malvezzi, que foi pintor, architecto, musico, poeta, comediographo e historiador.

De 1849 a 1859 viveu no estrangeiro dando lições de musica, muitos cantores, hoje celebres, foram seus discipulos. Descobriu o meio de limpar as pinturas antigas sem alteral-as, e esteve em Roma, na Toscana e em outras partes do reino, em basilicas e mosteiros adornados por pintores afamados, afim de conservar á nossa e á futura admiração centenaes de paineis que pareciam perdidos para sempre. No concurso para o monumento dos—Cinco Dias—apresentou um projecto architectonico. Escreveu diversas comedias para o theatro de Milão; deixa grande numero de poesias e uma preciosa collecção de

quadros. A sua ultima obra intitula-se: *As glorias da arte lombarda.*»

Era um madraço este padre, não era? E um inimigo da sciencia, das bellas artes, etc., etc.

A camara municipal de Guimarães, foi auctorizada por Carta de lei de 6 de maio do corrente anno, («Diario do Governo», n.º 103), a demolir a capella de S. Thiago, collocada na praça do mesmo nome, e pertencente á Insigne e Real Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira. Esta capella passa por ser antiquissima, sendo convertida ao culto catholico por S. Thiago, pois era um templo gentilico, se as velhas chronicas não faltham.

O que levaria o senado vimaranense a pedir ao governo a morte da secular capella não o sabemos, mas se foi o desejo de ver uma capella de menos, desde já lhe damos, e d'aqui d'este lugar, os mais *enthusiasticos* parabens, por se abalançar a um passo mais no caminho do progresso demolidor.

Vamos dar a nossos leitores uma noticia, que não é para desprezar, pela lição que dá aos revolucionarios e inimigos da Igreja.

Uma das victimas que mais soffreu com os recentes successos demagogicos da Belgica, foi um fabricante de christaes, Eugenio Bandoux, a quem as ondas revolucionarias fizeram voar pelos ares os seus armazens e fabricas, dando-lhe um prejuizo de mais de 600 contos de reis, deixando-lhe a vida por muito favor, pois que alguns o queriam arrastar pelas ruas.

Parece, pelo mal que a demagogia causou a este homem, que elle seria um defensor dos principios santos da Igreja; não acontecia assim.

Entre varios papeis achou-se-lhe o diploma de maçon *solidario*, e sabe-se tambem que elle obrigava a serem enterrados civilmente os seus operarios que falleciam, e nas ultimas eleições trabalhou a favor dos livres-pensadores.

Foi-lhe ministrado o castigo pelos mesmos a quem servia.

Altos juisos de Deus!

Foi nomeado Deão da Sé de Macau, o muito reverendissimo Snr. Conego Francisco Anacleto Xavier da Silva, a quem damos mil parabens pela alta dignidade a que os seus trabalhos apostolicos o tornaram digno.

Para alguma cousa ha-de servir a liberalesco-revolucionaria lei do casamento civil. As gazetas noticiavam ha dias o casamento da cantora Patti, perante a *mairie* da rua d'Anjon, em Paris, com um comico cantor, como ella. A celeberrima cantora casa pela segunda

vez, tendo ainda o marido vivo, de quem se divorciou, o marquez de Caux.

Ora não é uma cousa tão engraçada isto de estar uma mulher unida a um homem por algum tempo, durante o praso que lhe convém, e isto custodiado pela lei?

N'este caso parecia-nos melhor deixar o registro civil, e o pae, ou o dono da mulhier que se casa, fazer o contracto nupcial por meio de uma lettra de cambio, concebida nos termos seguintes:

A dois annos da data, entregará o Snr. Fulano de tal, a mim, ou á minha ordem, a Snr.ª D. Fulana de tal, em corpo e alma, tal qual de mim a recebe, e pagará de juro as bemfeitorias; podendo esta lettra ser reformada no dia do seu vencimento, se a ambos convier.

Não era isto mais simples, mais commodo, e mais commercial? Para que é necessaria a presença da auctoridade? Essa só seria chamada, quando a lettra fosse protestada.

Um sacerdote, assignante e amigo do «Progresso Catholico», e com as habilitações necessarias, offerece-se para director de um collegio, ou de qualquer outra casa de educação.

Na hora presente, quando tanto se faz sentir a falta do clero, julgamos do nosso dever dar esta noticia que deve ser acceite com prazer por qualquer casa onde haja necessidade de um ecclesiastico digno.

Se alguem quizer utilizar-se do offerecimento do nosso amigo, pôde dirigir-se por carta á redacção do «Progresso Catholico», que não demorará muito a resposta.

J. de Freitas.

Aos que podem

Continúa aberta a subscrição, e pedimos a todos os nossos amigos que, quando nos mandem qualquer quantia, juntem mais um pouquinho, que com um pouco, de todos, conseguiremos o nosso fim, e Deus nos recompensará.

Transporte do n.º 45...	8\$950
Uma leitora do «Progresso Catholico», de Barcellos.....	500
Do assignante n.º 1772, da Ilha Graciosa.....	400
Do assignante n.º 2983 de Vianna do Castello.....	100
Do assigndnte n.º 1067 de Vianna do Castello.....	500
Um assig. do «Progresso Catholico», de Vianna do Castello..	500
Um assig. do «P. Catholico»...	125
Do assig. n.º 2881, de Lousada	500
» » 1173, de Sobral do Monte Agraço.....	240
Do assig. 3952, de Guimarães.	200

Somma..... 42\$315